

## Reflexões sobre o ensino de ortografia nas séries iniciais

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2002.

*Benedito G. Eugênio\**

O ensino de ortografia na escola de ensino fundamental vem sendo alvo de uma série de críticas há certo tempo. Geralmente os docentes vêem-se diante de uma questão complicada: como ensinar ortografia e como avaliar as dificuldades ortográficas? É a essa discussão que se propõe Artur G. Moraes, em seu relevante livro **Ortografia: ensinar e aprender**. Nele são apresentadas discussões e questionamentos sobre o ensino-aprendizagem de ortografia.

A obra está estruturada em oito capítulos, subdivididos em duas partes. A primeira parte, intitulada *Aprender ortografia*, está dividida em três capítulos, todos articulados.

No primeiro capítulo, o autor esclarece que sua proposta não é uma “volta ao tradicional”, mas a de um ensino sistematizado, que supere a preocupação excessiva e negligente ao avaliar o conhecimento do aluno, investindo mais no ensinar a ortografia que é uma convenção social, cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita. Critica uma postura espontaneísta em relação ao ensino-aprendizagem da ortografia e alerta para as conseqüências de tal postura.

O capítulo seguinte examina como está organizada a norma ortográfica de nossa língua e traz uma série de exemplos valiosos sobre as regularidades e irregularidades ocorridas no português. Mostra o que é relevante compreender e o que é necessário memorizar.

O terceiro capítulo apresenta várias questões que os adultos se fazem quando pensam como a criança aprende. Para tratar tais questões, o autor resume os principais resultados obtidos nas pesquisas que tem

---

\* Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: beneditoeugenio@bol.com.br

realizado com crianças brasileiras e espanholas, ou seja, investigações que abordam a aprendizagem ortográfica e o seu rendimento feito pelos alunos em diferentes séries e níveis culturais e a relação com o nível de elaboração dos conhecimentos infantis sobre a norma. Assim, aponta como o aprendizado é um processo complexo e ativo, cujo resultado implica vários fatores internos e externos, inclusive como a criança vivencia o ensino-aprendizagem da ortografia na escola.

A segunda parte, intitulada *Ensinar ortografia*, encontra-se dividida em cinco capítulos e, nela, Morais preocupa-se em discutir o trabalho cotidiano dos docentes em sala de aula.

No capítulo quatro, são analisadas criticamente as práticas usuais no ensino de ortografia. Segundo Morais, as escolas não têm metas que promovam os avanços nos conhecimentos ortográficos, uma vez que fazem da ortografia mais um objeto de avaliação que de ensino.

O autor chama a atenção para as atividades pobres propostas pelas escolas, como exercícios com alternativas prontas, horários reservados para trabalhar ortografia limitando-se apenas às cópias, aos ditados, treinos ortográficos, recitação ou memorização de regras, uso de livros didáticos totalmente tradicionais que servem tão somente para produzir alunos passivos, que reproduzem modelos prontos como esponjas prontas para receberem informações sem refletirem sobre as mesmas.

O quinto capítulo define princípios norteadores para o ensino de ortografia. Num primeiro momento apresenta os princípios gerais relacionados ao ensino-aprendizagem e nos atenta para a introdução de bons textos em sala de aula, uma vez que os mesmos tornam-se imprescindíveis para a reflexão e construção de outros textos. Deixa claro que é necessário o professor planejar e definir metas sobre a capacidade dos alunos escreverem segundo as normas e apresenta questionamentos e respostas para indagações como quando começar a ensinar ortografia, quais metas estabelecer para cada turma e série, como seqüenciar o ensino de ortografia.

Num segundo momento deste mesmo capítulo o autor alerta para o fato de que a reflexão sobre a ortografia não pode ficar restrita

só aos momentos de atividades sobre a mesma. Sugere que os educandos sejam estimulados a criarem seus próprios textos sem exigir destes conhecimentos de gramática normativa e que o docente promova debates e discussões para que os discentes reelaborem seus conhecimentos, registrando em sala de aula suas novas descobertas, além dos trabalhos em grupo e que leve em consideração a diversidade cognitiva dos alunos.

No capítulo seis, Morais apresenta-nos três modalidades para desenvolver a reflexão sobre a ortografia, quais sejam: o ditado interativo, em que se trabalha com textos já conhecidos pelos alunos; a releitura com focalização, cujo foco é a grafia das palavras e a reescrita ou correção, em que o objetivo é promover a discussão e reflexão sobre os erros cometidos.

No capítulo seguinte, o autor discute atividades de reflexão sobre as palavras, visando ao tratamento didático das dificuldades ortográficas.

Finalmente, no último capítulo, o autor apresenta considerações acerca do uso do dicionário, incentivando o professor a usá-lo desde as séries iniciais como recurso para desenvolver a autonomia dos alunos e também do professor no trato com a escrita da língua.

A leitura do livro é de extrema importância para docentes e estudantes de cursos de formação de professores. Ao tratar a ortografia como uma convenção social que deve ser ensinada e aprendida, Artur Morais nos mostra o papel exercido pelo docente no trato desse assunto em sala de aula. Valendo-se de uma linguagem clara e acessível, o autor apresenta questionamentos e sugestões sobre como trabalhar a ortografia com os estudantes das séries iniciais do ensino fundamental num enfoque construtivista.